



ANTERIORIDADE E FEITURA DA SOCIOLOGIA AFRICANA

*Bas 'Ilele Malomalo*¹

Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades e Letras, curso de Ciências Sociais e Relações Internacionais, Bahia, BA, Brasil.

Resumo: Esse artigo faz parte de trabalhos sobre epistemologias africanas que buscam colocar as ciências humanas africanas no seu devido lugar na contemporaneidade (DIOP, 1981; OBENGA, 1990; DIOP, 2003; ANI, 1994; MAFEE, 2011). No campo dos estudos da Sociologia africana, as produções de Ela (2013), Bassong (2011), Amadiume (2001), Oyewumi (1997), Adesina (2012) são as mais instigantes que inspiram esse trabalho. O projeto de construção de uma Sociologia africana, sugerido por Bassong pautado no paradigma de Maat, influenciou a definição dos objetivos da minha investigação: defender a ideia da anterioridade da Sociologia africana e revelar a sua estrutura operacional. O argumento principal defendido é que o sociobiocósmico é o campo de investigação da Sociologia africana e o procedimento metodológico é e deve ser, a depender de casos de estudo, interdisciplinar e/ou transdisciplinar, com um olhar específico no tempo-espaço da história das sociedades africanas e suas instituições.

Palavras-chave: sociologia africana; sociobiocósmico; egiptologia negra.

ANTERIORITY AND MAKING OF AFRICAN SOCIOLOGY

Abstract: This article is part of works on African epistemologies that seek to place the African human sciences in their proper place in contemporary times (DIOP, 1981; OBENGA, 1990; DIOP, 2003; ANI, 1994; MAFEE, 2011). In the field of African sociology studies, the productions of Ela (2013), Bassong (2011), Amadiume (2001), Oyewumi (1997), Adesina (2012) are the most exciting ones that inspire this work. The project for the construction of an African Sociology, suggested by Bassong based on the Maat paradigm, influenced the definition of the objectives of my investigation: to defend the idea of the anteriority of African Sociology and to reveal its operational structure. The main argument defended is that socio-bio-cosmic is the field of research in African sociology and the methodological procedure is and should be, depending on case studies, interdisciplinary and / or transdisciplinary, with a specific look at the time-space of the history of societies African institutions and their institutions.

¹ Doutor em Sociologia pela UNESP, docente no curso de Licenciatura em Ciências Sociais, Programa de Pós-graduação em Mestrado Interdisciplinar em Humanidades (MIH/UNILAB), Programa de Pós-Graduação em Políticas sociais e Cidadania (UCSAL) e líder do Grupo de Pesquisa África-Brasil: Produção de Conhecimento, Sociedade Civil, Desenvolvimento e Cidadania Global. E-mail: escolaaficana@gmail.com ; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7889-3385>

Keywords: African sociology; sociobioscopic; black Egyptology.

ANTERIORIDAD Y FORMACIÓN DE LA SOCIOLOGÍA AFRICANA

Resumen: Este artículo es parte de trabajos sobre epistemologías africanas que buscan ubicar a las ciencias humanas africanas en el lugar que les corresponde en la contemporaneidad (DIOP, 1981; OBENGA, 1990; DIOP, 2003; ANI, 1994; MAFEE, 2011). En el campo de los estudios de sociología africana, las producciones de Ela (2013), Bassong (2011), Amadiume (2001), Oyewumi (1997), Adesina (2012) son las más apasionantes que inspiran este trabajo. El proyecto de construcción de una sociología africana, propuesto por Bassong a partir del paradigma Maat, influyó en la definición de los objetivos de mi investigación: defender la idea de la anterioridad de la sociología africana y revelar su estructura operativa. El principal argumento que se defiende es que el sociobio-cósmico es el campo de investigación de la sociología africana y el procedimiento metodológico es y debe ser, según los estudios de caso, interdisciplinario y / o transdisciplinario, con una mirada específica al espacio-tiempo de la historia de las sociedades y instituciones africanas.

Palabras-clave: sociología africana; sociobioscópico; egiptología negra.

ANTÉRIORITÉ ET FABRICATION DE LA SOCIOLOGIE AFRICAINE

Résumé: Cet article fait partie de travaux réalisés autour d'épistémologies africaines qui cherchent à mettre les sciences humaines africaines à leur juste place dans la contemporanéité (DIOP, 1981; OBENGA, 1990; DIOP, 2003; ANI, 1994; MAFEE, 2011). Dans le domaine des études de sociologie africaine, les productions d'Ela (2013), Bassong (2011), Amadiume (2001), Oyewumi (1997), Adesina (2012) sont les plus passionnantes qui inspirent ce travail. Le projet de construction d'une sociologie africaine, proposé par Bassong sur la base du paradigme Maat, a influencé la définition des objectifs de mon enquête: défendre l'idée de l'antériorité de la sociologie africaine et révéler sa structure opérationnelle. L'argument principal défendu est que la socio-bio-cosmique est le champ de recherche de la sociologie africaine et que sa démarche méthodologique est et devrait être, selon les études de cas, interdisciplinaire et / ou transdisciplinaire, avec un regard spécifique sur l'espace-temps de l'histoire des sociétés et institutions africaines.

Mots-clés: sociologie africaine; sociobioscopique; l'égyptologie noire.

PALAVRAS ENCANTADAS DO COMEÇO

O meu artigo faz parte dos trabalhos que se debruçam sobre as epistemologias africanas que buscam colocar as ciências naturais e humanas africanas no seu devido lugar na contemporaneidade (DIOP, 1981; OBENGA, 1990; DIOP, 2003; ANI, 1994; MAFEJE, 2011; ELA, 2013). No campo dos estudos de Sociologia africana, as produções de Bassong (2011), Amadiume (2001), Oyewumi (1997), Adesina (2012) são as mais instigantes e que correspondem aos objetivos desse meu trabalho.



Começo, então, com essa citação extraída da História Geral da África:

A ciência tradicional

O reconhecimento e a apreciação do conjunto dos conhecimentos e das capacidades, sobre os quais se apoiam as sociedades pré-coloniais, em matéria de agricultura, saúde, artesanato e indústria, encontram-se ainda na esfera das boas intenções. À época colonial, este corpo de saberes e capacidades não era julgado digno do nome “ciência”; ele era rebaixado ao nível das superstições pré-científicas. A educação ocidental e o cristianismo, eventualmente, as leis coloniais e políticas deliberadas, inclusive, dedicaram-se a solapar a estrutura destes saberes tradicionais. Os estabelecimentos cuja educação obedecia ao perfil ocidental ensinavam aos seus alunos a desconsiderarem e rejeitarem o saber tradicional. Este saber transmitido em escala pessoal – “boca a boca” – subsistiu, no entanto, segundo diversas modalidades, em meio à população. Constatase hoje que, apesar do impacto da medicina, da agricultura, da ciência e da tecnologia ocidentais, as reservas tradicionais de saberes e capacidades, em respeito à agricultura, bem como no campo das práticas e crenças terapêuticas, este legado de saber continua presente no cotidiano vivido pela maioria do povo africano (MARZUI; AJAYI; TSHIBANGU; BOHEN, 2010, p. 765-766).

O texto de Mazrui, Ayayi, Tshibangu e Bohem leva-me a afirmar que são uma falácia os esforços de se procurar datar a existência de ciências naturais ou humanas africanas, com a presença colonial europeia no continente africano. Esse texto, como outros produzidos por Diop (1981), Obenga (1990) e Ki-Zerbo (2006), leva-me a constatar a anterioridade de ciências africanas no mundo. A justificativa é simples. Em sendo a África o berço da humanidade, ela se tornou igualmente berço das ciências.

Nesse sentido, afirmo, como já tentei mostrá-lo com o meu texto crítico aos estudos africanos (MALOMALO, 2017), que se comete a falsificação histórica quando se remete o surgimento da Sociologia, vista como campo de estudos de seres humanos em sociedade, para a Europa do século XIX. É igualmente uma falácia ensinar que Auguste Comte é o precursor. Pior ainda colocar os “três porquinhos”, Marx, Weber e Durkheim, como seus fundadores.

Essas afirmações só podem ser verdadeiras quando se fala do surgimento e da formação da Sociologia particularmente europeia. Mas nunca se deve estender essas afirmações para outras realidades históricas. Isto posto, deixo já claro que defendo a Sociologia africana como um dos saberes africanos que foram inventados pelos africanos desde a antiguidade. Não estou interessado na busca de nenhum universalismo. É o particular sociológico africano que me interessa, pois é esse que auxiliará os povos africanos a compreenderem seus problemas sociais e reinventarem suas sociedades. Com isso não quero negar nenhuma possibilidade de um diálogo intercultural na produção

sociológica na África. Mas chamo atenção pelo fato que esse dito diálogo não significa a perda da nossa autonomia ao construirmos, hoje, uma ciência sociológica genuinamente africana.

Da mesma maneira, reconhecer Ibn Khaldun como o fundador das ciências sociais, esquecidos, como o fazem, autores como Munanga (2008), Katamu (2016), Giddens (2012), Santos (2018), não resolve a nossa preocupação em afirmar a anterioridade e particularidade da Sociologia africana sobre outras sociologias existentes no mundo.

O que os autores precitados, especialmente Santos (2018), esquecem de nos informar é que Ibn Khaldun (1863, p. 209-210) é um homem branco, filho do império árabe que invadiu o norte da África e o racismo antinegro está presente em seus escritos. A Sociologia praticada por ele, para mim, embora produzida no solo africano, é uma Sociologia colonial-imperialista².

A pista mais plausível que nos auxilia a fundamentar a nossa argumentação encontra-se nesses autores africanos: Bassong (2011), Amadiume (2001), Oyewumi (1997), Adesina (2012). Com eles aprendemos que apesar do epistemicídio cometido pelos árabes e europeus contra os saberes científicos e não científicos africanos, desde a época da colonização, esses ainda estão presentes. Diop (1981) e Obenga (1990) são alguns dos estudiosos africanos pioneiros em restituir as humanidades africanas.

Nas investigações feitas por Diop (1982), Amadiume (2001), Oyewumi (1997) e Adesina (2012, 2002) mediante o uso de uma abordagem da Sociologia crítica e histórica, cientistas sociais africanos chegaram não somente a restituir as histórias de suas instituições forjadas desde a África pré-colonial, mas a conhecer igualmente as lógicas que estruturavam os conhecimentos sobre suas sociedades desde os períodos remotos de sua história.

A questão tratada no parágrafo anterior aparece nos textos de Diop (1981, 1982) nestes termos: a urgência de restauração, porque foi danificada pela violência colonial, e o restabelecimento da consciência histórica africana no processo de produção das

² Com isso não queremos afirmar que todo branco pelo simples fato de pertencer ao império colonial produziu/produz automaticamente o racismo acadêmico. A produção de Balandier no campo da Sociologia cumpre um papel emancipador para a ciência africana: BALANDIER, George. *Sociologia da África negra. Dinâmicas das mudanças sociais na África central*. Luanda: Pedago/Mulemba, 2014.



Ciências sociais africanas. Nesse ponto é que se encontra a minha diferença com a maioria de autores africanos (NGAMBU, 1996; ELA, 2013; MUNANGA, 2008; AWOSSAN, 2009; MACAMO, 2011) que mesmo afirmando a existência de uma Sociologia africana, acabam errando no que diz respeito à sua data de formação que eles colocam nos anos de 1960, quando levamos em conta as histórias de ex-colônias britânicas, francesas e belgas.

Nesse meu texto, escolhi a egiptologia africana, particularmente a partir de textos de Diop (1981, 1982), Obenga (1990) e Bassong (2011), para defender a minha tese sobre a anterioridade da Sociologia africana e a sua feitura desde a história africana pré-colonial. Entre esses três autores, Bassong (2011) é aquele que se dedica exclusivamente a construir a Sociologia africana a partir do paradigma de Maat.

Quando indago sobre a anterioridade e ancestralidade africanas, neste texto, apoiando-me em Konaté (2008), rejeito todo pensamento que opõe a tradição africana à sua modernidade. Assumo, como o fez Diop (1981), a ideia da existência de um *continuum* histórico entre a África pré-colonial e a África contemporânea. A anterioridade apresenta a ideia de precedência histórica e a ancestralidade traduz a ideia de uma ontologia processual, dinâmica e multiforme, que se originou na antiguidade, está presente na contemporaneidade africana e passa por mudanças (ELA, 2013).

Com isso, vou me dedicar, nesse trabalho, a restituir o lugar da Sociologia africana partindo da hipótese da sua existência desde a África pré-colonial. Isto significa dizer que desde que os primeiros seres humanos surgiram na África e fundaram as primeiras comunidades, portanto, já estavam fundamentadas as estruturas de um pensamento e uma práxis sociológicos genuinamente africanos. É inconcebível que os africanos tenham sido os primeiros seres humanos a projetar as instituições sociais e não refletir sobre as mesmas.

Faço uso da pesquisa bibliográfica a partir de uma abordagem interdisciplinar que leva em conta os estudos sobre História, Filosofia, Antropologia e Sociologia africanas. Seguindo os ensinamentos do meu mestre, o professor Ntumba (2014), de que uma disciplina para comprovar a sua identidade deve enunciar para a comunidade científica o seu campo de investigação (objetos e sujeitos investigados), seus teóricos e suas metodologias, estruturei esse meu texto em três seções. A primeira busca situar o lugar da Sociologia africana dentro das Humanidades africanas. Faço isso recorrendo à história das ciências na África. Na segunda seção, defino o que entendo por campo de investigação da Sociologia africana: o sociobiocósmico africano. Na terceira seção, trato



dos procedimentos metodológicos da Sociologia africana a partir dos objetivos desse meu artigo. Discuto, nessa seção, a questão da interdisciplinaridade na prática da Sociologia africana, das coletas de informações nas bibliotecas africanas e de sua análise e interpretação desde dentro; por fim, retomo à questão da relação entre a cultura, memória e história no ensino da Sociologia africana.

LUGAR DA SOCIOLOGIA AFRICANA NAS HUMANIDADES AFRICANAS: UM POUCO DE HISTÓRIA

Parto do livro *Civilisation ou Barbarie: Anthropologie sans complaisance* de Diop (1981) para afirmar que a ciência é um produto histórico e cultural. É a invenção cultural de um povo. Por ser o berço da humanidade, a África foi igualmente o continente onde surgiram as primeiras civilizações da antiguidade, nomeadamente, a Núbia e o Egito. Nesses dois territórios e em todo o continente o que percebemos é o dado que Diop denominou de unidade cultural africana. Esse se manifesta na cosmopercepção holística e cósmica do tudo o que existe (OYEWUMI, 2016). Nesse sentido, a ciência inventada na África pré-colonial estruturava-se numa concepção holística e numa abordagem que oscilava entre o que se denomina hoje de multi, inter e transdisciplinaridade, que chamarei doravante, quando pretendo destacar esses três aspectos, de pluridisciplinar.

Importa-me até aqui reafirmar a tese de anterioridade da ciência africana. Tese comprovada por Diop (1981, 1982) e o seu discípulo Obenga (1990). Esse último autor mesmo quando busca mostrar a existência de uma ciência africana a partir da Filosofia faraônica, o que esse autor pretendia revelar, de fato, é que há uma racionalidade científica africana que se traduz em termos pluridisciplinares. Trata-se de uma ciência que dava conta, a princípio, de todos os domínios da vida.

Diop (1981) não ignorava a existência de saberes disciplinares no Egito. Todavia, ser disciplinar, nesse território, era uma maneira de se especializar sem fechar-se às outras especialidades. As possibilidades de diálogos, com outros saberes, eram a base de se praticar a ciência africana pré-colonial. Nesse sentido é que Obenga e Diop sempre se dedicaram a mostrar a existência da ciência africana nas áreas do que hoje se chama de ciências naturais e ciências humanas.

A Sociologia africana faria parte do que Diop e Obenga chamam de Humanidades Africanas (DIOP, 2003, p. 155). Quando lemos *Civilisation ou Barbarie: Anthropologie sans complaisance* de Diop (1981) e *La philosophie africaine de la période pharonique, 2780-330 avant notre ère* de Obenga (1990), o que percebemos é que o primeiro

denomina o quarto capítulo de “Contribuição da África à humanidade em Ciências e em Filosofia”. Por ciências Diop (1981) trata de Ciências da natureza, especificamente, da Matemática, Astronomia, Medicina, Química e Arquitetura no Egito antigo.

Figura 1

DIOP	OBENGA
Quarta parte CONTRIBUIÇÃO DA ÁFRICA À HUMANIDADE EM CIÊNCIAS E EM FILOSOFIA	
Capítulo 16 CONTRIBUIÇÃO DA ÁFRICA: CIÊNCIAS -Matemática egípcia: geometria Surface da esfera *Raiz quadrada, teorema dito “de Pitágoras” e números irracionais *Quadratura do círculo *Surface do círculo, do retângulo, do triângulo, do trapézio *Volume do cilindro, paralelepípedo e da esfera -Álgebra *Séries matemáticas *Equação do primeiro grau, do segundo grau *Ponderação de quantidades: “pesou” -Aritmética -Termos matemáticos egípcios que sobreviveram no walaf -Astronomia *Fases da lua *Calendário *Orientações de monumentos *Os decanatos *Caráter empírico da ciência mesopotamiana -Medicina -Química *Etimologia da palavra “química” *Metalurgia do ferro -Arquitetura *Bases matemáticas da arquitetura egípcia *Cânone estético da arte egípcia	Capítulo 7 CARTOGRAFIA – NAVEGAÇÃO – QUÍMICA TÊXTIL -Mapa de “Minas de ouro” -Geografia egípcia: vale do Nilo; Oriente Médio -Dimensões de um navio do Médio Império -Construção de uma lagoa de lazer -Indústrias químicas do têxtil Capítulo 8 ASTRONOMIA -Orientações astronômicas e geometria dos edifícios -Calendários egípcios Capítulo 9 MEDICINA -Sistema circular -Hematoma da pedra -Lesão de medula espinhal -Egípcios praticaram a dissecação -Afásias de compreensão e de fala Capítulo 10 AERONÁUTICA -Aeronáutica experimental na África Capítulo 11 -Concepção egípcia das matemáticas



	<ul style="list-style-type: none">-Conhecimento da técnica do cálculo algébrico-A noção da lógica matemática faraônica-Meteorologia-Cálculo da superfície do triângulo, do círculo, do volume cilíndrico, do ângulo da inclinação de uma pirâmide-Volume de um tronco de uma pirâmide-Prova de cálculo de ângulo de inclinação de uma pirâmide
Capítulo 17 EXISTE UMA FILOSOFIA AFRICANA?	
<ul style="list-style-type: none">-Contribuição do Egito no pensamento filosófico mundial*Cosmogonia egípcia*África negra atual*Os gramáticos e matemáticos egípcios*precisões sobre as cosmogonias egípcias*Paraíso e inferno na religião egípcia*O aparelho sacerdotal egípcio*O teatro egípcio e grego-Relações entre as cosmogonias egípcias e platônicas no <i>Timeu</i>-Relações entre a física de Aristóteles e as cosmogonias egípcias-Lista não exaustiva dos conceitos filosóficos egípcios que sobreviveram no <i>walaf</i>-Perspectivas de pesquisa para uma nova filosofia que reconcilia o homem consigo mesmo*A parapsicologia*Os fundamentos morais da conduta do homem moderno*Progresso da consciência moral da humanidade <p>Capítulo 18 VOCABULÁRIO GREGO DE ORIGEM NEGRO-AFRICANA</p> <ul style="list-style-type: none">-Cartografia das raízes negro-africanas no grego clássico	<p>INTRODUÇÃO</p> <ul style="list-style-type: none">-Língua e escritura egípcia-Olhares sobre a gramática egípcia <p>Capítulo 1 O UNIVERSO ANTES DO UNIVERSO ATUAL</p> <ul style="list-style-type: none">-O não-criado inicial-O ante cósmico-O Noun, Água primordial-Ovo inicial-Elementos fundamentais: água, fogo e ar <p>Capítulo 2 ONTOLOGIA E COSMOGÊNESE</p> <ul style="list-style-type: none">-Como o Existente veio à Existência-O nascimento do mundo conforme os filósofos do Mênfis (a Inscrição de Shabaka)-A Economia da natureza ou o grande hino a Aton-Quatro fatos excelentes realizados pelo Râ no tempo da criação <p>Capítulo 3 DO TEMPO – DO CEÚ</p> <ul style="list-style-type: none">-O Tempo, uma norma transempírica-Velocidade da Luz e distâncias astronômicas do Universo-Uma lista egípcia de decanatos



-Termos gregos de origem africana	-Duração do dia e da noite durante diferentes momentos do ano -Da natureza do céu Capítulo 4 OS VALORES – A ÉTICA -O Resgate da humanidade -Como o poder e a beleza feminina apareceram na civilização humana (“A destruição da humanidade”) -Extrato das sentenças do Vizir Ptahhotep -Extrato das sentenças de Kagemni -Mâat, código egípcio das virtudes cardiais Capítulo 5 DA MORTE E DA IMORTALIDADE -A respeito da Morte -O destino estelar do homem depois da morte Capítulo 6 ELOGIO DA VIDA INTELECTUAL -Elogio da vida intelectual -O papel civilizatório do Egito Apêndice MATERIAIS COMPLEMENTARES -Alguns fatos históricos -Instituições faraônicas -Economia, agricultura, artesanato -Deuses e templos -Túmulo e além -Elogio da vida intelectual -Técnicas e ciências -Belas artes -Arte de amar
-----------------------------------	--

Fonte: Sumário de *Civilisation ou Barbarie: Anthropologie sans complaisance* de Diop (1981) adaptado pelo autor.

Por outro lado, para Obenga (1990), a Filosofia africana faraônica implica não somente a área especializada da Filosofia, como se entende hoje, vista como um campo de especulação desvinculado das ciências da natureza e da vida. A Filosofia africana, do



ponto de vista dos egípcios antigos, e isso se estende para outros povos africanos como o autor mostra dentro do seu livro, está presente em todos campos da vida, do Ankh, dentro do seu movimento: Noun, para se pensar a Maat, Harmonia-Felicidade-Justiça-Verdade.

Façamos o melhor para apreender as coisas traçando, etapa por etapa seguindo o eixo da Duração até o Homem, a grande aventura da Vida que é uma nova e superior forma do movimento, sinuoso, da Matéria.

Graças aos métodos da datação urânio/tório, potássio/argônio, etc., que permitem a medida cronológica, absoluta, da Matéria das galáxias, nós sabemos que a Terra, nosso planeta, sinaliza 5 bilhões de anos de envelhecimento, da mesma forma que a Lua, o Sol e o seu sistema tendo ainda mais. Mas parece que o Universo tomaria a idade conforme o método que se fundamenta na conversão radioativa do rênio-187 em ôsmio-187: a idade de 20 bilhões de anos seria a idade do Universo em vez de 14 a 17 como se pensa habitualmente.

Durante perto de 3 bilhões de anos de existência, a Terra estava desprovida de vida.

A evolução abiogênica dos compostos do carbono teria levado à aparição da Vida na Terra [...]

É no Pré-cambriano, há 2 bilhões de anos quase, que os primeiros traços da Vida vegetal [...] apareceram na Terra.

[...]

O Homem é um Mamífero placentário, pertencendo à Ordem de Primatas. Os Orangotangos, as Gorilas e os Chimpanzés são os mais próximos parentes do Homem, mas a origem comum dos grandes Macacos e do Homem é colocado em torno de 35 a 40 milhões de anos, isto é, no Terciário (Oligoceno e Mioceno).

[...]

Um grupo de Hominídeos – os famosos Australopitecos – aparece no sudeste do continente africano, entre 1 a 10 milhões de anos. Desse grupo vai sair o Homo sapiens, no Quaternário, em torno de 3 milhões de anos: gênese humana africana, gênese da humanidade resumindo. A África é o berço da humanidade. (OBENGA, 1980, p. 18-19)

Compreendo o sociobiocósmico africano na perspectiva da história planetária, escrita por Obenga (1980), que tem a África como ponto de partir para a história humana. Escreve ele: “Uma luz aparece. Nós pertencemos ao primeiro amanhecer da história cósmica. O tempo da natureza e da vida está ligado, intrinsecamente, ao tempo cultural do homem. Profunda unidade cósmica da história” (OBENGA, 1980, p. 20).

É com toda razão que Diop, como pode ser averiguado na Figura 2, começa o seu livro com um capítulo dedicado à origem africana da humanidade. Nesse capítulo, reafirma a origem africana da humanidade; a anterioridade da civilização núbica no mundo; e a origem negra e núbica da civilização egípcia.

Figura 2

Primeira parte

ABORDAGEM PALEONTOLÓGICA



Capítulo 1 A PRÉ-HISTÓRIA -Raça e história da humanidade e diferenciação racial -Quadro cronológico da evolução da humanidade em geral e do mundo negro em particular
Capítulo 2 REVISÃO CRÍTICA DAS MAIS RECENTES TESES SOBRE A ORIGEM DA HUMANIDADE -Esquema simplificado do processo provável de diferenciação das raças sob o efeito dos fatores físicos -Etnia de Ramsés II
Capítulo 3 MITO DE ATLÂNTIDA TRATADO PELA CIÊNCIA HISTÓRICA PELA ANÁLISE MEDIANTE RADIOCARBONE -Explosão da ilha de Santorini nas Cíclades em 1420 av. JC -Contemporaneidade do acontecimento com a XVIIIa dinastia egípcia
Capítulo 4 ÚLTIMAS DECOBERTAS SOBRE A ORIGEM DA CIVILIZAÇÃO EGÍPCIA -Anterioridade da civilização núbica

Fonte: Sumário de *Civilisation ou Barbarie: Anthropologie sans complaisance* de Diop (1981) adaptado pelo autor.

Na Figura 1, o que pretendo destacar é a maneira como Diop e Obenga nos oferecem pistas teórico-metodológicas para se trabalhar com as ciências de natureza e ciências humanas africanas: a ideia aqui é de abordá-las de forma pluridisciplinar.

No que diz respeito às Humanidades africanas, especificamente à Filosofia africana, o que se apreende é que o ser humano (comunidade-bantu) é parte da Comunidade-Ntu (Comunidade-da-Vida-Plena) e sempre em relação com a Comunidade-sagrado-ancestral e comunidade-universo-natureza.

Na segunda parte do seu livro *Civilisation ou Barbarie: Anthropologie sans complaisance*, Diop nos oferece temas relacionados à Sociologia e Antropologia Africanas, tais como, no capítulo 5, ele trata de organização clânica e tribal: processos pelos quais o nome passa da coletividade clânica para o indivíduo; tabus de incesto e formação das tribos, nacionalidades e nações; divisão do trabalho e hereditariedade das funções no estágio clânico; processos de estratificação social, acumulação primitiva e passagem à fase monárquica.

No capítulo 12 do mesmo livro, Diop trata das particularidades das estruturas políticas e sociais africanas e suas incidências sobre o movimento histórico. São destacados temas de realeza; e designação do novo Damel: dignitários escolhidos na classe dos príncipes de sangue e filhos do rei e dos príncipes; dignitários escolhidos nas



classes de pessoas livres e dos marabouts (lideranças religiosas muçulmanas) homens de castas e sem castas dignitários escolhidos na classe de cativos da corte.

Em *Unidade cultural da África negra e África preta pré-colonial*, Diop aborda igualmente, de forma aprofundada, temas que dizem respeito à Sociologia e Antropologia africanas. Temas sobre estruturas de famílias, estruturas políticas, econômicas e intelectuais são abordados na África pré-colonial.

Cheikh M'Backé Diop, o filho de Cheikh Anta Diop, fazendo a síntese da obra do seu pai, além dos elementos que acabei de apontar anteriormente, ele destaca esses para abordar o tema da evolução das sociedades e diferentes formas de estados africanos:

Um outro tipo de problema examinado por Cheikh Anta Diop é a da noção da identidade cultural, na sua definição e em termos de relações interculturais. Esclarece essa questão essencial pela determinação e a análise dos principais fatores que forjam a personalidade coletiva de um povo: o fator histórico, o fator linguístico e o fator psicológico.

Assim, o estudo de organização das sociedades humanas em seus diferentes estágios (clã, tribo, nação), a caracterização das relações entre “raças” e classes sociais ou estudo das relações étnicas na história, na identificação de diversos tipos de Estados, o estudo das revoluções sucedidas ou abortadas, são tantas contribuições decisivas de Cheikh Anta Diop para a compreensão dos fenômenos sócio-históricos em ação na evolução das sociedades (DIOP, 2003, p. 14-144).

A abordagem pluridisciplinar sugerida por Diop nos orienta no sentido de tratar as estruturas sociais africanas a partir das cosmopercepções que as orientam. O que defendo é que a Sociologia africana deve se ocupar estudando o sociobiocósmico africano. Para tanto os diálogos entre a Filosofia africana, a Sociologia africana, a Antropologia africana, a linguística africana, a História africana e a Ciências da natureza africanas são indispensáveis dependendo do tema de estudo.

CAMPO DE INVESTIGAÇÃO DA SOCIOLOGIA AFRICANA: O SOCIOBIOCÓSMICO AFRICANO

Nessa seção pretendo tratar o que a ciência positivista tem denominado de objeto de pesquisa para delimitar a especificidade de uma disciplina. Isso é a marcação de territórios disciplinares que fizeram as diversas ciências no seu nascimento no Ocidente. Acontece que essa marcação se fez com uma concepção filosófica positivista, antropocêntrica, racista e sexista dentro e fora do Ocidente.

Devo adiantar que me afilio à linha teórica pós-positivista e pós-colonial. Nessa direção é que tenho preferido usar o termo de campo de investigação que pode se dividir



em sujeitos humanos, ou seja, a comunidade-bantu, e sujeitos não humanos investigados, ou seja, a comunidade-sagrado-ancestral e a comunidade-universo-natureza.

Faço parte do grupo de intelectuais africanos que pensam que a emancipação africana deve partir de suas culturais locais. Nesse sentido é que elejo Maat e Ubuntu como duas categorias filosóficas africanas que atestam a tese da unidade e diversidade no que diz respeito às cosmopercepções africanas.

Ubuntu, como defende Ramose (2011), é a categoria ontológica e epistemológica da filosofia africana.

Ubuntu é um gerundivo (*gerundive*) abstrato que exprime a filosofia praticada pelos povos da África falantes do *Bantu*. Ele compartilha o caráter de gerundivo (*gerundive*) – isto é, a ideia de tornar-se, Ser (*be-ing*) e ser como manifestações do movimento como princípio do Ser-*(be-ing)* - com os verbos egípcios antigos, *wnn* (unen) “existir”, *d d* (djed) “ser estável”, “durável” e *hpr* (kheper) “tornar-se” (Obenga, 2004, 37-39). Como os antigos verbos egípcios referidos, a concepção filosófica *ubuntu* do mundo é que “Coisas não têm a fixidez e inflexibilidade que acreditamos que elas tenham. As coisas são mutáveis e em movimento na Terra, no céu, em baixo d’água, etc. A Terra e o céu, eles mesmos se movem” (Obenga, 2004, 39; Ramose, 1999, 50-53) (RAMOSE, 2011, p. 17).

Um das primeiras pistas que se percebe na sentença de Ramose, referente à unidade cultural africana, é que a cosmopercepção negro-africana assenta-se na filosofia do devir. Como diria Ntumba: Tudo aqui é processual. Ubuntu é visto como Ser-sendo (RAMOSE, 2011).

Diagne (2014) acrescenta um outro elemento nomeando a filosofia africana dos autores que trabalham nessa perspectiva da filosofia africana da força vital que eu denomino de filosofia africana do Ntu. Esse é nada menos do que a Energia ou Vida-em-Plenitude-Sempre-Em-Movimento presente na Matéria primordial, ou seja, o processual do Biso-Cósmico (MALOMALO, 2017, 2018, 2019). É preciso, na mesma linha, considerar igualmente a filosofia do Axé: o princípio gerador de todas as formas de vida entre os yorubá (SODRÉ, 2017) e do Kalunga da cosmopercepção Kongo (povos situados em Gabão, Congo, RDCongo e Angola): o Infinito, o Ser-Autogestado do qual emanam todos os outros seres existentes (FU-KIAU, 1980; FAIK-NZUJI, 2000; MPASU, 1980).

Para Obenga (1990), a compreensão da Filosofia africana egípcia passa pela consideração de duas teorias complementares, a do Noun e a da Maat. Todo isso, porque, para ele: Maat como a ordem de valores ordena o Noun que é a ordem da existência do Ser.



A Maat é da ordem do “como é preciso”, enquanto o Noun é da ordem “do que a partir do qual” o mundo tornou-se o que ele é: “o cosmos imenso e a humanidade do planeta Terra, a estrutura primordial com todas suas nervuras essenciais e a invenção do conhecimento de si que não anda sem o do dever. Tal é embasamento original da filosofia faraônica – desde o maior ritmo das pirâmides – onde o Noun traduz a noção da matéria operante a Maat, representa, em hieróglifo o perfeito, a noção elevada da perfeição moral. Matéria dinâmica e viva, o Noun é a essência de todas as coisas, e criada por si mesma a passagem do não-ser ao ser, passagem arejada do “antes” ao “depois”, quer dizer passagem da insônia à consciência ao despertar da razão que, pelo verbo, nomeia, desenha, classifica, ordena, comanda, breve faz ser. Tipo de harmonia preestabelecida no plano cósmico, a Maat que é a Ordem-Verdade-Justiça, Felicidade suprema, convida o homem e a sociedade a fazer e a dizer, a pensar e a agir, a viver e a morrer, conforme o verdadeiro, o normal, a justiça do meio, breve conforme a virtude, com todo o que essa palavra implica, na mentalidade negro-egípcia, do hierárquico, do tradicional e do transcendente, do imperativo do absoluto” (OBENGA, 1990, p. 510; nossa tradução).

A Ciência africana pré-colonial sempre entendeu que os sujeitos humanos e não humanos pertencem ao mesmo destino cósmico. Reformulando essa minha afirmação do ponto de vista da história africana, diria que os sujeitos humanos, que conforme Malomalo (2018), formam a comunidade-bantu ou comunidades-de-seres-humanos originaram-se da comunidade-universo-natureza. E essa última comunidade, conforme os relatos teológico-filosóficos africanos, originaram-se da comunidade-sagrado-ancestral, que leva vários nomes, mas preservada a mesma ideia principal: Noun, Ra, Olodumaré, Nzambi. Essa comunidade representa, para povos africanos, a Divindade. A Força-Original, Una e Múltipla da qual originou-se tudo o que existe. É o Ntu-Vida-Plena; o Ankh. É a Comunidade-Ntu-Ankh.

Ramose (2011) fala de Ubutu, Ser-Sendo. Ntumba (2014) fala de Bisoidade, Realidade Total, Multiforme, Plural e Processual. É o Devir africano. Com Obenga aprendemos que, metodologicamente, é preciso tratar o sociobiocósmico africano como parte da história cósmica. Diop trata isso trazendo à tona a importância do debate sobre a restauração da consciência histórica africana e o restabelecimento da consciência histórica africana quando se praticam as Ciências sociais africanas.

A restauração dessa consciência histórica implica que a egiptologia seja desenvolvida em África negra e que a civilização núbio-egípcia seja revisitada em todos os campos pelos africanos eles mesmos.

[...]

2. restabelecimento da consciência histórica africana, isto é, do “desenvolvimento no tempo e no espaço do passado humano” explicando notadamente a gênese e a evolução dos Estados africanos dentro da longa duração. Cheikh Anta Diop



insiste em seus escritos sobre o fato de que a pesquisa sócio-histórica seja longe de ser concebida como uma volta sobre si ou um simples deleite do passado. “O papel da sociologia africana é de fazer o balanço do passado para ajudar a África a confrontar melhor o presente e o futuro” (DIOP, 2003, p. 228-229; nossa tradução).

O devir africano é um movimento circular de Desordem-Ordem-Harmonia. Para chegar na Harmonia é preciso praticar a Maat, Kalunga, Axé.

O campo da Sociologia africana, portanto, tem a ver com o estudo das relações sociais africanas. Isso significa que a sua elaboração parte ou deve partir da comunidade-bantu, levando-se em conta que esta comunidade humana está sempre em conexão com a comunidade-universo-natureza e a comunidade-sagrado-ancestral. Dito em outras palavras, o social africano é biocósmico. Nesse sentido, a Sociologia africana investiga o sociobiocósmico.

Isso vale igualmente quando se faz uma investigação no campo da Sociologia da Natureza ou Sociologia da Religião. Isso significa que o recorte que se faz a partir da comunidade-universo-natureza ou da comunidade-sagrado-ancestral deverá ser sempre, para garantir-se a melhor interpretação, fiel à cultura africana, às conexões existentes entre todos seres que formam a Comunidade-Ntu-Ankh ou Comunidade-da-Vida-Plena.

Bassong (2011) é um dos raros intelectuais africanos que situa o projeto de reconstrução da Sociologia africana na base da civilização africana kamita, negro-agípcia. Dito em outras palavras, localiza-se na egiptologia africana, seguindo os passos de Diop e Obenga, todavia inova quando focaliza todo seu investimento intelectual no campo da Sociologia. Diop e Obenga nos fornecem os elementos sociológicos, mas, como vimos, os debates travados por eles, explicitam mais as relações entre as Ciências exatas e as Humanidades africanas, de maneira específica, a Filosofia africana, usada aqui no seu sentido reduzido, estritamente disciplinar.

Bassong (2011) se interessa em travar um debate, na reconstituição de uma Sociologia africana, com a comunidade continental e mundial dos sociólogos. Dentro desse contexto é que devemos interpretar as citações que vou apresentar e analisar abaixo.

Todas as instituições na África visam a conspiração da Desordem e a restauração de Maât. A sociologia “clássica” tinha a ambição de evacuar, por todos os meios, o sagrado africano da lógica racional deixando de lado a finalidade que deu sentido à realidade.

Desta forma, o pensamento dominante não entendeu totalmente a aposta do sagrado na África negra. Com o sagrado, o objetivo cognitivo está associado ao objetivo normativo. O paradigma Maât é justificado, neste contexto, como uma



teoria normativa, um caminho fecundo de pesquisa e ao mesmo tempo, uma forma de fazer ciência, um método, uma ética que consiste em conformar a ordem social com a Ordem do Universo (BASSONG, 2011, p. 32-33).

O Positivismo das Ciências modernas ocidentais, atrelado ao agnosticismo, ateísmo e secularismo, trouxe não somente problemas para a Sociologia ocidental, mas igualmente para Sociologias modernas não ocidentais, como a Sociologia africana contemporânea. Com isso, quero afirmar que existe uma reciprocidade entre a postura ética e profissional de qualquer cientista que, na maioria dos casos, o princípio da vigilância epistemológica para alcançar a objetividade não dá conta. Tudo isso é porque a ética social e a objetivação profissional se misturam no corpo do cientista.

A suspensão do sagrado, na feitura da Sociologia, traz limitações na compreensão das Sociedades investigadas pelos sociólogos secularizados. Ademais, o seu racismo religioso para com o sagrado africano tem criado empecilhos por parte dos sociólogos ocidentais e africanos ocidentalizados, para compreender, conforme Abong (2000), a finalidade que deu sentido à realidade africana, ou seja, o devir sociobiocósmico das sociedades africanas.

O Sagrado, a Comunidade sagrado-ancestralidade, nos possibilita compreender a dialética existente entre a finalidade cognitiva e a finalidade normativa. Ou seja, a complementaridade radical existente entre a epistemologia, política, estética e a ética, ou seja, a espiritualidade (MALOMALO, 2018; NTUMBA, 2014; RAMOSE, 2011). Esse é o fundamento da teoria de Maat proposta por Bassong (20qq) para se reconstruir a Sociologia africana.

A espiritualidade africana, para mim, é a prática da ética africana de forma radical e plena. Esse mundo é acessível não pela razão instrumental, mas pela sensibilidade (MVENG, 1975; SODRÉ, 2017; MPASU, 1980). Sociólogos africanos, que vivenciam a espiritualidade africana de forma plena, tendem a compreender melhor o social africano, o sociobiocósmico africano. Tudo isso porque conseguem se livrar facilmente das armadilhas da prática da Sociologia ocidental para uma aventura de uma Sociologia endógena africana (ADESINA, 2012; ELA, 2013).

A prática de uma Sociologia endógena africana que anima a escrita de Bassong, como já dito, é o paradigma do Maat, visto por ele como o Ser-Valor.

Maat é da ordem das verdades a serem alcançadas por razão pensante aplicada às realidades sociais étnicas, culturais, civilizacionais e históricas; a norma (lei social) junta-se à ordem cognitiva no exercício da faculdade de pensar o mundo.



Porque Maât é também da ordem da Verdade, com grande “V”, isto é, o Princípio da Ordem Universal e portanto o conhecimento desta relação especial que existe entre os fenômenos. Esse conhecimento tem a vantagem de aumentar o poder de ação e criação, de acordo com a organização do divino. Esta é a lição a ser aprendida.

A demonstração desse conhecimento de Maât requer, sentimos, uma reflexão particular: como e por que reconhecemos o Princípio da Ordem universal?

Primeiro, há o universo mitológico africano que descreve os mecanismos e o outro, a forma (Capítulo II). O que você precisa saber é que o universo mental africano é organizado miticamente em Ordem e Desordem, protagonistas da criação. Está aqui a figura dialética Horus/Seth da mitologia egípcia reproduzida por outros atores na mitologia africana sem que a mensagem seja alterada. Ele é quem, em todas as circunstâncias, afasta as forças da desordem para que a ordem pré-existente seja mantida de acordo com a forma como o Universo está organizado vista a complexidade do edifício. A lei social é retomada, então digamos, a lei cósmica.

Este é um objetivo cognitivo e normativo escrito em mitos.

Mas esta Desordem tem significado e vida somente na sua relação com a Ordem. Estes são os dois lados da mesma realidade organizacional (Maât). Esta abordagem para a solução africana funda a dialética e vai além do fundamentalismo filosófico de Yin e Yan. A lei do espírito geral do Livro das Transformações acomoda uma dupla hélice, mas não especifica a fase de resolução, restauração da precedência da ordem. Maat vai além de Yin e Yan. Mesmo a dialética hegeliana sem fim, que semeia a todos os ventos contradições, não revela nenhuma verdade conhecida por todos e, portanto, controlável.

Agora o sociólogo está situado: a visão do mundo de todos os africanos parte desta dialética mitológica que organiza o mundo e a sociedade (BASSONG, 2011, p. 33-34).

Os esforços de Diop (1981), Obenga (1990), Oyewumi (1997), Amadiume (2001), Adesina (2012), Abassong (011), de restituir às Ciências sociais africanas o seu protagonismo, se traduzem não somente em reconhecer a sua anterioridade, o seu *modus operandi* próprio que obedece à lógica mitológica, mas igualmente nos chamam a atenção para afirmar o seguinte: os povos africanos fundaram suas sociedades e construíram suas culturas de forma autônomas e, há milênios, vêm pensando sobre as mesmas estruturas sociais e culturais.

Nesse sentido, entendo que a Sociologia africana está situada entre dois tempos históricos da África pré-colonial e da África contemporânea. O primeiro tempo influencia os debates da Sociologia africana contemporânea.

PROCEDIMENTO METODOLÓGICO DA SOCIOLOGIA AFRICANA



Trato nessa seção do procedimento metodológico da Sociologia africana. Começo destacando a forma como opera a Sociologia africana pré-colonial para elucidar como poderia ser elaborado o projeto da Sociologia africana contemporânea.

Nos meus trabalhos (MALOMALO, 2017, 2020), compreendo que a metodologia tem a ver com esses pontos: informar a sua abordagem, as fontes, a forma de coletar os dados e a maneira como esses vão ser analisados ou interpretados. A experiência vivida tem muito peso em todo esse processo.

SOCIOLOGIA AFRICANA E INTERDISCIPLINARIDADE

As Ciências africanas pré-coloniais, como podemos observar em Diop (1981), Obenga (1990), Ntumba (2014), operaram sempre a partir da multi, inter e/ou transdisciplinaridade. A Sociologia africana que preconizo, apoiando-me em Gutto (2006), sendo parte dos conhecimentos pan-africanos, não pode abrir mão do procedimento multi, inter e transdisciplinar para cumprir com a sua participação no Renascimento Africano.

Tudo isso, como já argumentei anteriormente, porque compreende-se que a realidade vivida e estudada é múltipla e processual. O princípio basilar aqui é que todas as coisas que existem nasceram do Noun, do Ntu ou da Matéria cósmica e estão interconectadas.

Outro pressuposto das Ciências africanas pré-coloniais é a complementaridade entre a finalidade cognitiva e a finalidade normativa. Dito em outras palavras, os saberes/conhecimentos são avaliados pela Comunidade-Muntu pela contribuição que elas trazem à Comunidade-Ntu.

Dizer que a realidade estudada pelas Ciências africanas pré-coloniais é múltipla e processual é reconhecer a pluriversalidade e o movimento como categorias fundantes da epistemologia africana. Destaquei, nas páginas que antecederam, a centralidade da história africana na produção de conhecimentos referentes às sociedades africanas.

Isso significa que toda realidade é marcada com essa dialética: provém da Matéria primordial, que é Energia, cuja estruturação se fundamenta na dinâmica de Desordem-Ordem (Noun que marca a ontologia; o devir africano). O Maat, o Ser-Valor, a Ordem da Justiça-Verdade, é o princípio do mundo que marca o que deve ser feito, o agir humano assente na ética para proporcionar a Harmonia cósmica.



Se as Ciências africanas pré-coloniais se dedicam a produzir e investigar as relações do devir cósmico africano, a Sociologia africana, como um ramo da sua especialidade, dedica-se a estudar o sociobiocósmico africano. Isto é, as relações múltiplas, complementares, dinâmicas que a comunidade-muntu estabelece consigo mesma, com a comunidade-universo-natureza e com a comunidade-sagrado-ancestral. Para tanto, dependendo de casos de estudo, para ter sucesso deve acionar uma abordagem multi, inter e/ou transdisciplinar.

Na perspectiva aqui desenvolvida, e defendida, de uma “sociologia global da África”, revisita-se o fato social de Marcel Mauss, para quem, acrescentando o predicado “total” ao que Émile Durkheim definiu como fato social, nenhuma das dimensões constantes desse mesmo fato, sejam econômicas, jurídicas, estéticas, religiosas ou mitológicas, poderá, na sua plenitude, ser compreendida separadamente. Nestes termos, o seu significado só pode ser devidamente apreendido se integrado em uma realidade concreta complexa. A análise de uma das partes implica, assim, a sua indexação ao todo por forma a atingir-se a profundidade de conhecimento desejada (VENÂNCIO, 2009, p. 24).

Trouxe Venâncio, sociólogo branco português, para polemizar e ampliar a minha argumentação. Referente ao trecho que coloquei acima, concordo com ele sobre a abordagem interdisciplinar que deveria seguir a Sociologia africana contemporânea; e do pressuposto teórico de se abordar o fato social africano, o que chamo de sociobiocósmico africano, como uma realidade total.

O meu desacordo com ele se coloca nesses pontos a seguir. Primeiro, sua crítica em relação à prática da interdisciplinaridade na Sociologia, em geral, e na Sociologia africana de forma específica, que, para ele, não ajudaria em termos de trazer detalhes sobre a investigação empreendida. Esse último mérito, para ele, seria de uma abordagem sociológica disciplinar.

Contra essa posição de Venâncio, me alinho com a posição de cientistas sociais africanos que consiste em praticar uma Sociologia africana multi, inter e transdisciplinar. Essa postura consiste em quebrar as fronteiras disciplinares, e digo não somente entre a Sociologia e a Antropologia africanas (BASSONG, 2011; ELA, 2013; AMADIUME, 2001), mas entre todas as Ciências sociais/humanas africanas. Essa postura está presente de forma radical em Diop (1981). Obenga e outros discípulos de Diop deram continuidade a esse projeto científico africano (DIOP, 2003).

Por isso se fala de Humanidades africanas. Essa área multi, inter e transdisciplinar de se pensar as Ciências sociais/sociais africanas, na contemporaneidade, corresponde



com a prática da ciência desde a África pré-colonial (MALOMALO, 2017). Essa postura teórico-metodológica exige um diálogo permanente e depende de casos de investigação, entre Ciências da natureza e Ciências sociais/humanas africanas.

O meu segundo desacordo com Venâncio diz respeito ao fato dele recorrer aos teóricos europeus, no caso Durkheim e Mauss, para tematizar sobre o fato social que deve ser investigado sempre na sua totalidade. Nesse ponto, a minha crítica se dirige igualmente a Bassong (2011) que, para discursar sobre o projeto da Sociologia africana, começa por homenagear Edgar Morin, sociólogo francês, que o inspirou para fundamentar o seu trabalho no paradigma da complexidade. Diga-se de passagem, que Morin se inspira, em certas medidas, dos saberes africanos para elaborar o seu paradigma da complexidade. Só que isso é silenciado.

É preciso ser justo é dizer que apesar de apelar para Morin, Bassong (2011) supera o seu mestre. Tudo isso, porque, diferentes de muitos cientistas africanos colonizados, bajuladores de seus mestres brancos, Bassong é um intelectual atravessado pelo paradigma ancestral africano, especialmente do *Kmt*, do Egito antigo. Constrói o seu trabalho a partir das bibliotecas africanas pré-coloniais e contemporâneas.

Dito em outras palavras, a Sociologia africana digna do seu nome parte sempre das bibliotecas africanas pré-coloniais e contemporâneas. Bibliotecas de outros povos são auxiliares. Não ocupam o centro de construções teórico-metodológicas.

Minhas análises das fontes africanas primárias e desses teóricos africanos, Diop (1981), Obenga (1990), Ntumba (2014), levam-me a afirmar que as Humanidades africanas trabalham numa perspectiva multi, inter e/ou transdisciplinar. Ademais, Abassong (2011), Adesina (2012), Amadiume (2001), Oyewumi (1997), são entre os autores africanos, os que deixam de forma explícita esse mesmo procedimento no campo da Sociologia Africana.

BIBLIOTECAS AFRICANAS E COLETAS DE INFORMAÇÕES NA SOCIOLOGIA AFRICANA

Para abordar a questão da coleta de dados, tenho sugerido o uso de termos de bibliotecas africanas. Essas são formadas pelas culturas africanas produzidas e reproduzidas no continente e fora do continente. Historicamente, essas bibliotecas pertencem ao período pré-colonial, colonial e pós-colonial da história da África.



Geograficamente, estão situadas no continente africano e nas diásporas africanas espalhadas pelo mundo (MALOMALO, 2017).

O sociobiocósmico africano pode ser estudado sociologicamente acionando as bibliotecas africanas que comportam saberes e conhecimentos práticos e teóricos. Esses foram e estão registrados em textos orais e escritos, e são datados dentro de períodos históricos diferentes.

Nas Figuras 1 e 2 que apresentei acima, Diop (1981) e Obenga (1990) nos dão detalhes sobre os conteúdos presentes nas bibliotecas africanas. Além disso, nos apontam pistas de como usá-los no âmbito da produção científica das Humanidades Africanas. Valorizam a Sociologia histórica e cultural para analisar e interpretar seus materiais de pesquisa.

Diria o seguinte, inspirando-me em Bassong (2011), a Sociologia africana é parte das Humanidades africanas. O sucesso dela dependerá da forma como lida com as Ciências africanas pré-coloniais, pois essas nem sempre fazem uma diferença entre Ciências naturais e Ciências Humanas. Com isso, não quero dizer que não exista nelas as especialidades. Acontece que o predomínio do princípio da unicidade na multiplicidade, da totalidade na complementaridade e na dinamicidade exige que não se faça uma ciência simplista, reducionista, ateia e individualista. Pelo contrário, apela-se para um diálogo sério entre Ciências naturais e Ciências sociais/humanas na África.

Nesse sentido, fazer a Sociologia africana exige, por exemplo, dependendo do caso, como fizeram Diop (1981) e Obenga (1990), dialogar com os saberes e conhecimentos da Matemática, Medicina, Química, Astronomia e Arquitetura. Como já sinalizei anteriormente, onde esses dois egiptólogos africanos escrevem Filosofia africana, deve-se ler Humanidades africanas. Nesse artigo, preocupo-me em destacar o lugar da Sociologia Africana.

As bibliotecas africanas foram e vêm sendo construídas pelos ancestrais que já deixaram esse mundo e pelas personalidades e comunidades africanas contemporâneas. Portanto, as bibliotecas africanas são espaços de memórias e histórias.

Os textos orais africanos estão presentes nas manifestações culturais africanas, nos corpos, nos espaços educativos, econômicos, políticos, literários, estéticos e religiosos africanos continentais e diaspóricos. Estão nos ritos seculares, espirituais, ecológicos feitos pelas comunidades negras.



Os textos escritos africanos estão igualmente nos textos orais africanos. Uma parte deles, especialmente, os textos científicos africanos, estão nas bibliotecas africanas e não africanas. CORDESIA - Conselho do Desenvolvimento de Ciências Sociais na África, APBN – Associação de Pesquisadores/as Brasileiros/as Negros/as, por exemplo, continuam sendo alguns espaços de produção de conhecimento das Ciências Africanas (MALOMALO, 2017).

Com a advento da tecnologia digital, uma pequena parcela das fontes africanas pode ser acessada via internet. Já aviso que a maioria de bibliotecas africanas permanece desconhecida pelos próprios africanos. Por isso, torna-se indispensável o seu reconhecimento. Os Estados africanos têm uma grande responsabilidade nesse sentido. A boa notícia é que a União Africana acabou de elaborar um projeto para atender essa demanda: “África Virtual e E-Universidade: Possibilitando o Acesso ao Ensino Superior”³. Com esse projeto, com certeza, a Universidade Pan-Africana da UA vai desempenhar um papel importante na vida de muitos africanos.

SOCIOLOGIA AFRICANA: ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DESDE DENTRO

As fontes coletadas, uma vez, analisadas devem ser interpretadas. O debate sobre uma Sociologia endógena africana exige que as sociedades e culturas africanas estudadas pela Sociologia africana sejam abordadas a partir de suas próprias lógicas, línguas e linguagens desde dentro (ADESINA, 2012; MADIUME, 2001; OYEUMI, 1997).

Para tanto, a vivência na cultura africana ou pelo menos o conhecimento profundo da realidade africana deve guiar o investigador que se coloca para estudá-la. Caso contrário, corre-se o risco de se fazer uma análise superficial como tem acontecido.

Não adianta aqui fazer uma investigação de sociedades africanas a partir de teorias e metodologias inventadas para outras realidades, como por exemplo, a euroamericana.

Quando se trata de investigação de uma realidade africana não humana, por exemplo, um elemento cultural africano, esse deve ser estudado na perspectiva da sua conexão com a Comunidade-Bantu. Dito em outras palavras, os africanos não cientistas,

³ Disponível em: <https://au.int/fr/flagships/une-universite-africaine-virtuelle-et-en-ligne>. Acessado em 22 abril 2021.



criadores e/ou usuários daquele elemento cultural devem ser tratados como parte do processo da produção do conhecimento em pauta.

Os textos produzidos pelos cientistas sociais africanos e por africanos que não são cientistas deverão sempre ser consultados.

O dispositivo analítico africano, como já aponte, recorre à dialética, complementaridade e pluralidade na análise das realidades estudadas. A comunidade sagrado-ancestral tem uma importância primordial, como vimos, para se compreender muitos fenômenos sociobiocósmicos.

ENSINO DA SOCIOLOGIA AFRICANA: CULTURA, MEMÓRIA E HISTÓRIA

A Sociologia africana pré-colonial sempre usou da prática em detrimento de um ensino de especulação teórica. Aprende-se aqui observando e fazendo. A observação africana, feita do ponto de vista da cosmopercepção africana, exige o uso do todo nosso corpo-muntu potencialmente conectado com a comunidade-sagrado-ancestral e comunidade-universo-natureza. A comunidade-muntu é o lugar da manifestação da memória cósmica.

Para sustentar essa minha afirmação trago as considerações metodológicas tecidas por Amadou Hampâté Bâ no seu livro, *Amkoullel, o menino fula* (2003):

A MEMÓRIA AFRICANA

Muitos amigos que leram o manuscrito mostraram-se surpresos. Como é que a memória de um homem de mais de oitenta anos é capaz de reconstruir tantas coisas e, principalmente, com tal minúcia de detalhes? É a memória das pessoas de minha geração, sobretudo a dos povos de tradição oral, que não poderiam apoiar-se na escrita, é de uma fidelidade e de uma precisão prodigiosa. Desde a infância éramos treinados a observar, olhar e escutar com tanta atenção, que todo acontecimento se inscrevia em nossa memória como uma cera virgem. Tudo lá estava nos menores detalhes: o cenário, as palavras, os personagens e até suas roupas. Quando descrevo o traje do primeiro comandante de circunscrição francês, eu vejo em uma espécie de tela de cinema interior e basta contar o que vejo. Para descrever uma cena, só preciso revivê-la. E se uma história me foi contada por alguém, minha memória não registrou somente seu conteúdo, mas toda cena – a atitude do narrador, sua roupa, seus gestos, sua mímica e os ruídos do ambiente, como os sons da guitarra que o *griot* Diêli Maadi tocava enquanto WANGRIN me contava sua vida, e que ainda escuto agora...

Quando se reconstitui um acontecimento, o filme gravado desenrola-se do começo ao fim, por inteiro. Por isto é muito difícil para um africano de minha geração “resumir”. O relato se faz em sua totalidade, ou não se faz. Nunca nos cansamos de ouvir mais uma vez, e mais outra a mesma história! Para nós, a repetição não é um defeito (BÂ, 2003, p. 14-15).



Observar, nas culturas africanas, exige exercitar a escuta interior e externa, isto é, aprender a ouvir, dialogar com a sua própria-pessoa que está conectada consigo-mesma, com a comunidade-bantu (outras pessoas humanas), a comunidade-sagrado-ancestral e comunidade-universo-natureza. Somente depois disso é que se pode passar à descrição densa, feita pela força da palavra falada, oralidade, ou pela palavra escrita, de história, de vida de uma determinada sociedade em que se vive ou se investiga.

Dependendo de sociedades e finalidades da prática de aprendizagem, cada observação obedece a um tempo-espaço específico. O ponto comum aqui é que nada deve ser feito com pressa e somente com a razão instrumental. Outros elementos do campo da sensibilidade-espiritualidade, geralmente, são permitidos também, por exemplo os sonhos e as previsões nos processos de construção das sociedades africanas.

Outra coisa que às vezes incomoda os ocidentais nas histórias africanas é a frequente intervenção de sonhos premonitórios, previsões e outros fenômenos do gênero. Mas a vida africana é entremeada deste tipo de acontecimentos que, para nós, são parte do dia-a-dia e não nos surpreendem de maneira alguma. Antigamente, não era raro ver um homem chegar a pé de uma aldeia distante apenas para trazer a alguém um aviso ou instruções a seu respeito que havia recebido em sonhos. Feito isto, simplesmente retornava, como um carteiro que tivesse vindo entregar uma carta ao destinatário. Não seria honesto de minha parte deixar de mencionar este tipo de fenômenos no decorrer da história, porque faziam – e sem dúvida, em certa medida ainda fazem – parte de nossa realidade vivida. (BÂ, 2003, p. 15)

Essas observações, feitas por nossos ancestrais africanos, há milênios de anos, formam os registros orais e escritos de saberes e conhecimentos que constituem o patrimônio das Ciências naturais e Ciências Humanas africanas. Os ancestrais africanos usaram da razão e da sensibilidade-espiritualidade para realizar tal empreendimento.

A validação dos saberes pré-coloniais africanos passa via Comunidade-Vida-Ntu e comporta sempre uma dimensão ética: Maat, como nos informaram Diop (1981), Obenga (1990) e Bassong (2011). Dito em outras palavras, a validade de ensinamentos; a sua aceitação como verdade é validada não somente pela comunidade-bantu, mas igualmente pela comunidade-sagrado-ancestral e pela comunidade-universo-natureza. Ou seja, o que temos é uma co-validação dos conhecimentos e saberes entre os moradores da Comunidade-Invisível (Orun) e da Comunidade-visível (Aiyê). Povos africanos desenvolveram ferramentas científicas para isso, o jogo do Ifá, a capacidade de ver a realidade visível e invisível nos sonhos, são algumas de suas ferramentas.



Nesse sentido, o conhecimento sociológico africano pré-colonial é válido quando nos ensina como funcionam as estruturas sociais; qual é o lugar da desordem; como integrá-la e como evitá-la, além de nos ensinar igualmente como alcançar e manter a harmonia e a felicidade para toda a Comunidade-Ntu-Ankh. Nesse sentido, todo conhecimento sociológico é válido quando a finalidade epistemológica dialoga com a finalidade ética, digo, bioética.

Dessa forma é que os primeiros ancestrais africanos inventaram suas sociedades e culturas para assegurar o seu destino comum. Como vimos, a comunidade sagrado-ancestral é que sustenta os sentidos das ações sociais. O Noun, Axé, Ubuntu, Kalunga são formas culturais e históricas de manifestação da Energia primordial presente no Tudo o que existe, a Vida-Plena, a Realidade que existe na África.

O tempo-espaço, o devir ancestral, dialética materialista-imaterialista africana (DIOP, 1975; NTUMBA, 2014) ou a dialética mitológica africana pré-colonial (BASSONGO, 2011) comporta a sua própria lógica, linguagem e o sociólogo contemporâneo africano deve ser treinado para saber lidar com isso em seus trabalhos.

Ademais, Bâ introduz esse tema tratando da “cronologia” na história africana.

Como a cronologia não é uma grande preocupação dos narradores africanos, quer tratem de temas tradicionais ou familiares, nem sempre pude fornecer datas precisas. Há sempre uma margem de diferença de um a dois anos para os acontecimentos, salvo quando fatores externos conhecidos me permitiam situá-los. Nas narrativas africanas, em que o passado é revivido como uma experiência atual de forma quase intemporal, às vezes surge certo caos que incomoda os espíritos ocidentais. Mas nós nos encaixamos perfeitamente nele. Sentimo-nos à vontade como peixes num mar onde as moléculas de água se misturam para formar um todo vivo. (BÂ, 2003, p. 15)

É verdade que o tempo-espaço africano não é linear, mas tratado como um tempo-espaço circular, isto é, o tempo-espaço africano é uma trama de história matéria-imaterial, do mundo visível-e-invisível em que se relacionam continua e reciprocamente a comunidade-bantu com a comunidade-universo-natureza e a comunidade-sagrado-ancestral. É a história cósmica (OBENGA, 1980).

O fato de Bâ (2003) destacar a oralidade e a falta de uma “datação rígida” nas histórias africanas não significa que não existem textos escritos e uma cronologia africana precisa da história. Como é sabido, os africanos são os primeiros seres humanos a inventar várias escritas e o calendário com 364 dias (DIOP, 1975; OBENGA, 1990). O que interessa no texto de Bâ é a lógica que estrutura as culturas e sociedades africanas. É a



lógica não racionalista, mas cósmica; a lógica da oralidade, marcada pelo movimento cósmico, o devir africano presente nas cosmo percepções de povos africanos. Essa lógica estava presente de forma intensa nas sociedades africanas pré-coloniais e continua presente nas sociedades africanas contemporâneas, ora de forma intensa, ora de forma híbrida ou difusa (ELA, 2013). Por causa da colonialidade, muitas vezes, essa lógica ancestral é desconhecida por muitos africanos.

A Sociologia africana contemporânea deve se preocupar em apreender o sociobiocósmico africano, fazendo o diálogo com as propostas teóricas e metodológicas da Sociologia africana pré-colonial. Estudantes da Sociologia africana deveriam, em um primeiro momento, aprender a partir das realidades, línguas e linguagens existentes nas bibliotecas africanas pré-coloniais e pós-coloniais. Deveriam entender a lógica ancestral que sustenta suas sociedades, culturas e comportamentos. Na atualidade, não me parece importante perder tempo em estudar a Sociologia ocidental para se tratar de problemas africanos. Não precisamos citar todo o tempo os autores do Norte global para validar nossos estudos. Caso isso se faça necessário, será sempre para auxiliar a agenda da Sociologia africana.

PALAVRAS ENCANTADAS DO RECOMEÇO

Situado nos estudos de egiptologia africana, defendi, nesse trabalho, a tese seguinte: a Sociologia africana é a mais antiga do mundo pelo fato de ter sido inventada pelas pessoas negras que fazem parte de um território considerado berço da humanidade e das ciências: a África.

Nesse contexto, continuei afirmando que a Sociologia africana é parte das Humanidades africanas. O seu campo de investigação, pertencente à Comunidade-Ntu-Axé-Maat, ou Ubuntu: Ser-sendo, é o sociobiocósmico africano. Portanto, como disciplina particular dedica-se a estudar o/a Mu-ntu (pessoa-singular-e-comunitária) e/ou a Comunidade-Bantu (plural de mu-ntu) na sua interação consigo mesma, e com a Comunidade-Sagrado-Ancestral e a Comunidade-Universo-Natureza.

A sua abordagem metodológica é interdisciplinar e, a depender do tema de estudo, pode chegar até ser transdisciplinar. As bibliotecas africanas continentais e diaspóricas são espaços onde se deveria buscar as fontes e ferramentas para análise, interpretação e ação política e sociológica.

Insisti sobre a necessidade de tratar as informações coletadas no campo de investigação desde as lógicas e sensibilidades próprias das sociedades, culturas e histórias africanas. Para tanto, uma das condições necessárias é ter prévios conhecimentos sobre elas através da experiência vivida e/ou estabelecendo o diálogo profundo com mestres não acadêmicos e/ou estudiosos africanos descolonizados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADESINA, Jimi. Prática da sociologia africana: Lições de endogeneidade e gênero na academia. In: CRUZ e SILVA, Teresa, COELHO, João Borges; SOUTO, Amélia Neves. Como Fazer Ciências Sociais e Humanas em África: Questões Epistemológicas, Metodológicas, Teóricas e Políticas. Dakar, CODESRIA, 2012. pp. 195-210.

_____. Sociology and Yoruba Studies: epistemic intervention or doing sociology in the “vernacular”? *African Sociological Review/Revue Africaine de Sociologie*, v. 6, n. 1, 2002.

AMADIUME, Ifi. Reiventing Africa: Matriarchy, religion and culture. 2th. Ed. London/New York: *Zed Book*, 1997/2001.

ANI, Marimba. Yurugu -uma crítica africano-centrada do pensamento e comportamento cultural europeu. Trenton, *Africa World Press*, 1994. Disponível em: <<https://estahorareall.wordpress.com/2015/08/07/dr-marimba-ani-yurugu-uma-critica-africano-centrada-do-pensamento-e-comportamento-cultural-europeu>> Acessado em: 20 nov. 2020.

AWOSAN, Joshua Adekunde. Currents of thought in african sociology and the global community: How to understand research findings in the context of sociological perspectives. Boca Raton, Florida: *Universal Publishers*, 2009.

BÂ, Amadou Hampâté Bâ. Amkoullel, o menino fula. 2ª edição. São Paulo: *Casas das Áfricas*, 2003.

BALANDIER, George. Sociologia da África negra. Dinâmicas das mudanças sociais na África central. Luanda: *Pedago/Mulemba*, 2014.

BASSONG, Mbombog Mbog. Sociologie africaine. Paradigme, Valeur et Communication. Un documento PDF-texto de 146 páginas, postado em 03 março 2011. Disponível em: <<https://mbombog.wordpress.com/2011/03/03/sociologie-africaine-paradigme-valeur-et-communication/#more-120>> Acessado em: 20 nov. 2020.

DIOP, Cheikh Anta. L’unité culturelle de l’Afrique noire. Paris: *Présence africaine*, 1982.

_____. Civilisation ou barbarie: Anthropologie sans complaisance, 1981.

DIOP, Chekh M’Backé. Cheikh Anta: L’homme et l’oeuvre. Paris: *Présence africaine*, 2003.

DIAGNE, Soulemame Bachir. L’encre des savants: Réflexions sur la philosophie africaine. Paris/Dakar: *Présence Africaine/CODERSIA*, 2014.

ELA, Jean-Marc. Restituir a história às sociedades africanas: Promover as ciências sociais na África negra. Serra da Moreira, Luanda: Edições Pedago, *Edições Mulemba*, 2013.

GIDDENS, Antony. Sociologia. 6ª ed. Porto Alegre: *Penso*, 2012.

GUTTO, Shadrack B. O. Toward a new paradigm for pan-African knowledge production and application in the context of the African Renaissance. In: International Journal of African Renaissance Studies: Multi-, Inter- and Transdisciplinarity. *University of South Africa Press*, v. 1, n. 2, p. 306-323, 2006.

FAÏK-NZUJI, Clémentine M. Arts africains: signes et symboles. Paris/Bruxelles: *DeBoeck Université*, 2000.

FU-KIAU, Kia Bunseki. The african book without title. *Cambridge: s.e*, 1980.

KONATÉ, Doulaye. Le paradigme de l'opposition tradition/modernité comme modele d'analyse des réalités africaines. In: KONARÉ, Adame Bâ. Petit précis de remise à niveau sur l'histoire africaine à l'usage du président Sarkozy. *La Découverte*: Paris, 2008, p. 95-112.

KATAMU, Dieudonné Iyeli. Initiation à la sociologie. Paris: *Edilivre*, 2016.

KHALDOUN, Ibn. Les prolégomènes. Première partie (1863). Traduits en Français et commentés par William MAC GUCKIN, Baron DE SLANE, membre de l'Institut. (1801-1878). Reproduction photomécanique de la première partie des tomes XIX, XX et XXI des Notices et Extraits des Manuscrits de la Bibliothèque Nationale publiés par l'Institut de France (1863). Paris: *Librairie orientaliste Paul Geuthner*, 1934 (réimpression de 1996), CXVI + 486 pages. Disponível em: http://classiques.uqac.ca/classiques/Ibn_Khaldoun/Prolegomenes_t1/Prolegomenes_t1.html > Acessado em 15 nov. 2020.

KI-ZERBO, Joseph. Para quando a África: Entrevista com René Holenstein. Rio de Janeiro: *Pallas*, 2006.

MALOMALO, Bas'İlele. Justiça teórica do matriarcado africano para se pensar a África contemporânea. *Revista da ABPN*, v. 12, n. 31, dez 2019 – fev 2020, p. 48-71.

_____. Filosofia africana do Ntu e Direitos biocósmicos. *Problemata: R. Intern. Fil.* v. 10. n. 2 (2019), p. 76-92.

_____. Epistemologia do ntu: ubuntu, bisoidade, macumba, batuque e “x” africana. In: Souza, Elio Ferreira de et al (Org.). *Cultura e história afrodescendente*. Teresina: *FUESPI*, 2018, p. 561-574.

_____. Estudos africana ou novos estudos africanos: Um campo em processo de consolidação desde a diáspora africana no Brasil. In: *Revista de Humanidades e Letras*, Vol. 3, Nº. 2, Ano 2017, p. 16-50.

MACAMO, Elísio. A constituição duma sociologia das sociedades africanas. *Estudos Moçambicanos, Maputo*, n. 19, 2002, p. 5-26.

MAFEJE, Archie. The africanity : a combative ontology. In : DEVISCH, René ; NYAMNJOH, Francis B. The post-colonial turn : re-imagining the antropology and Africa. *Bamenda/Leiden : Langaa/Center African Studies*, 2011, p. 31-44.

MAZRUI, A.; AJAYI, J. F. Tendências da filosofia e da ciência na África. In: MAZRUI, Ali. A. (ed.). *História Geral da África, Vol. VIII: África desde 1935*. Brasília: *UNESCO*, 2010, p.761-815.

MVENG, E. L'art d'Afrique noire: liturgie cosmique et langage religieux. Yaoundé: *Clé*, 1974.

MPANSU, Buakasa Tulu Kia. L'impasse du discours: "Kindoki" et "Nkisi" em pays kongo du Zaïre. Kinshasa: *Faculté de Théologie Catholique de Kinshasa*, 1980.

MUNANGA, Albert Muluma. Sociologie générale et africaine: Les sciences sociales et les mutations des sociétés africaines. Paris: *Harmattan*, 2008.

NTUMBA, Tshamalenga M. Le réel comme procès multiforme : pour une philosophie du Nous processuel, englobant et plural. Paris: *Edilivre-Aparis*, 2014.

NGAMBU, F. Ngoma. Manuel de sociologie et d'anthropologie. Kinshasa: *Presses Universitaires Kongo*, 1996.

OBENGA, Théophile. La philosophie africaine de la période pharaonique, 2780-330 avant notre ère. Paris: *L'Harmattan*, 1990.

_____. Pour une nouvelle histoire. Paris: *Présence Africaine*, 1980.

OYEWUMI, Oyeronke. The invention of Woman: Making na african sense of wester gender discourses. Mineapolis: *University of Minnesota Press*, 1997.

_____. Matripotência: ìyá nos conceitos filosóficos e instituições sociopolíticas [iorubás] Tradução para uso didático de OYĚWŪMÍ, Oyèrónkẹ. Matripotency: Ìyá in philosophical concepts and sociopolitical institutions. What Gender is Motherhood? Nova Iorque: *Palgrave Macmillan*, 2016, capítulo 3, p. 57-92, por Nascimento, Wanderson Flor do. Disponível: <<https://filosofia-africana.weebly.com/textos-africanos.html>> .Acesso: abril de 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Na oficina do sociólogo artesão: aulas 2011-2016. São Paulo: *Cortez*, 2018.

SODRÉ, Muniz. Pensar nagô. Petrópolis: *Editora Vozes*, 2017.

RAMOSE, Mogobe. Sobre a legitimidade e estudo da filosofia africana. In: *Ensaio Filosóficos*, Volume IV - outubro/2011, pp. 9-25. Disponível em: <http://www.ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo4/RAMOSE_MB.pdf> . Acessado em 17 fev. 2016.

VENÂNCIO, José Carlos. O fato africano: Elementos para uma sociologia da África. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, *Editora Massangana*, 2009.

Recebido 01/03/2021

Aprovado em 30/04/2021